



SANTOS, Gladys Azzan. O que se sabe hoje das coisas e vida de ontem.
Diário do Povo, Campinas, [s.d.].

As linhas estão retas, simples, práticas. . . Talvez demais. Olha-se os prédios e suas verticais parecem atacar os céus. Ruas planejadas, cinzeiros sem qualquer rebusco, móveis de cimento. Tudo quadrado, redondo, sem meios termos.

O esquecimento do passado em prol de um presente e futuro de jornadas espaciais, pílulas anticoncepcionais e tantos outros ais, sem qualquer lembrança de cadeiras trabalhadas, armas históricas, fósseis, pedras e outras coisas do armazém do passado. Esquecem-se os homens de voltar. O romantismo já se foi há tempos, e as coisas velhas foram encostadas, para não atrapalhar os passos gigantes do progresso.

Aquelas ruelas estreitas, com postes bordados e lanternas de cristal, caíram por terra. Eram por demais pequenas não permitindo que o desenvolvimento por elas passasse com suas máquinas barulhentas, repletas de inovações e também muita poluição.

Os filhos de hoje, saberão das coisas de ontem? Estabelecerão comparações, poderão questionar? . . . Muitas ruas, casas, igrejas caíram mas, os Museus permanecem.

Situado no Bosque dos Jequitibás, entre jaulas e imensos jardins, permanece desde 1938, o Museu Municipal.

Embora não pretenda se equiparar aos maiores museus existentes, possui entre suas paredes um pouco de tudo:

Ala de história natural, sala de antropologia, ala de história do Brasil, seção de numismática.

Na primeira, vê-se a fauna em mil cores, Aves, mamíferos, répteis e anfíbios que parecem viver, tal sua preservação e beleza. Quem nunca teve oportunidade de ver por exemplo o falcão, ou a colhedeira rosada, apreciará de perto suas linhas e tonalidades.

Os animais dispõem-se esteticamente em vitrines montadas de acordo com seu habitat natural. Logo à entrada, um casal magestoso de leões. Foram doados há muitos anos por um circo famoso que por aqui passou. Deixando um pouco a vida na selva, pode-se viajar através do tempo e encontrar na seção de história, as armas que foram usadas pelos nossos, na Revolução de 1932. Peças do tempo do

Império, a harpa de Carlos Gomes, uma das primeiras máquinas de costura importadas para o Brasil, datada de 1867. Objetos de tortura do tempo da escravidão e outros tantos, interessantes, que hoje em dia não mais existem graças aos aparelhos eletro-domésticos. Nesta mesma sala pode-se ver, através de fotografias e instrumentos musicais, como se divertiam no carnaval nossos antepassados.

Famosa na época, a Banda do Boi, arrastava o povo pelas ruas e em meio aos confetes e lança-perfumes apresentavam um carnaval folclórico e encantador. Fundada em 1905 por Antonio Z. Zingra foi presença constante no Carnaval Campineiro. Os instrumentos de tal banda foram doados ao Museu em 1938 por ter morrido seu fundador.

ARTE INDÍGENA

Ampla, organizada, a sala de antropologia é uma das mais procuradas por permitir aos muitos alunos que ali vão, que aperfeiçoem seus conhecimentos, e completem suas pesquisas a respeito da vida e cultura de nossos índios.

Igaçabas, cestos, instrumentos musicais, armas de guerra e a pesca formam um conjunto atraente e misterioso.

Ao lado, os fósseis e as árvores petrificadas por ação do tempo e sedimentação. Uma maravilha da natureza. Diante de tais coisas pode-se ver a velhice deste mundo, os animais que não mais existem, como é o caso do dinossauro, réptil terrestre, distribuído do triássico até o mesozóico.

Falando-se em antiguidades não podemos deixar de citar a seção de numismática. Para os apaixonados por tal campo, a coleção do museu não pode deixar de ser vista. Embora não esteja completa, mostra interessantes e já extintas moedas como as do tempo do Império Romano, China antiga e outras.

A única falha do Museu, segundo as palavras do próprio diretor sr. Mario Lotufo, é a ausência de

O que se sabe hoje das coisas e vida de ontem

dados mais elucidativos a respeito das peças doadas. Muitas vezes o doador desconhece a origem da antiguidade e por outras, nega-se a dizer mais que o nome da pessoa a quem pertenceu. Com isso, os objetos ficam perdidos no tempo e no espaço desvalorizando-se.

Atualmente, o sr. Mario Lotufo tem tido a preocupação de, por ocasião de uma doação, angariar o máximo de informações, proporcionando com isso objetividade e maior satisfação aos visitantes.

AS EXPEDIÇÕES

Periodicamente, o diretor e taxidermista do museu promove, com a ajuda da Prefeitura, expedições para o pantanal matogrossense afim de coletar insetos e animais.

Permanecem acampados cerca de um mês nessa região e voltam sempre com um bom número de espécimes, que vai enriquecendo cada vez mais o acervo. Os animais trazidos são aqui empalhados e postos em exposição.

Uma inovação está sendo feita para beneficiar as pesquisas. Observando o diretor, que os alunos danificavam os insetos quando os manuseavam para observação imaginou um meio para que, os insetos e larvas fossem pegos, vistos e permanecessem intactos. Pesquisou e concluiu que a melhor solução seria a plastificação dos mesmos e assim fez.

Brevemente os alunos encontrarão no museu, gran-

de número de material que facilitará os estudos, além de motivá-los.

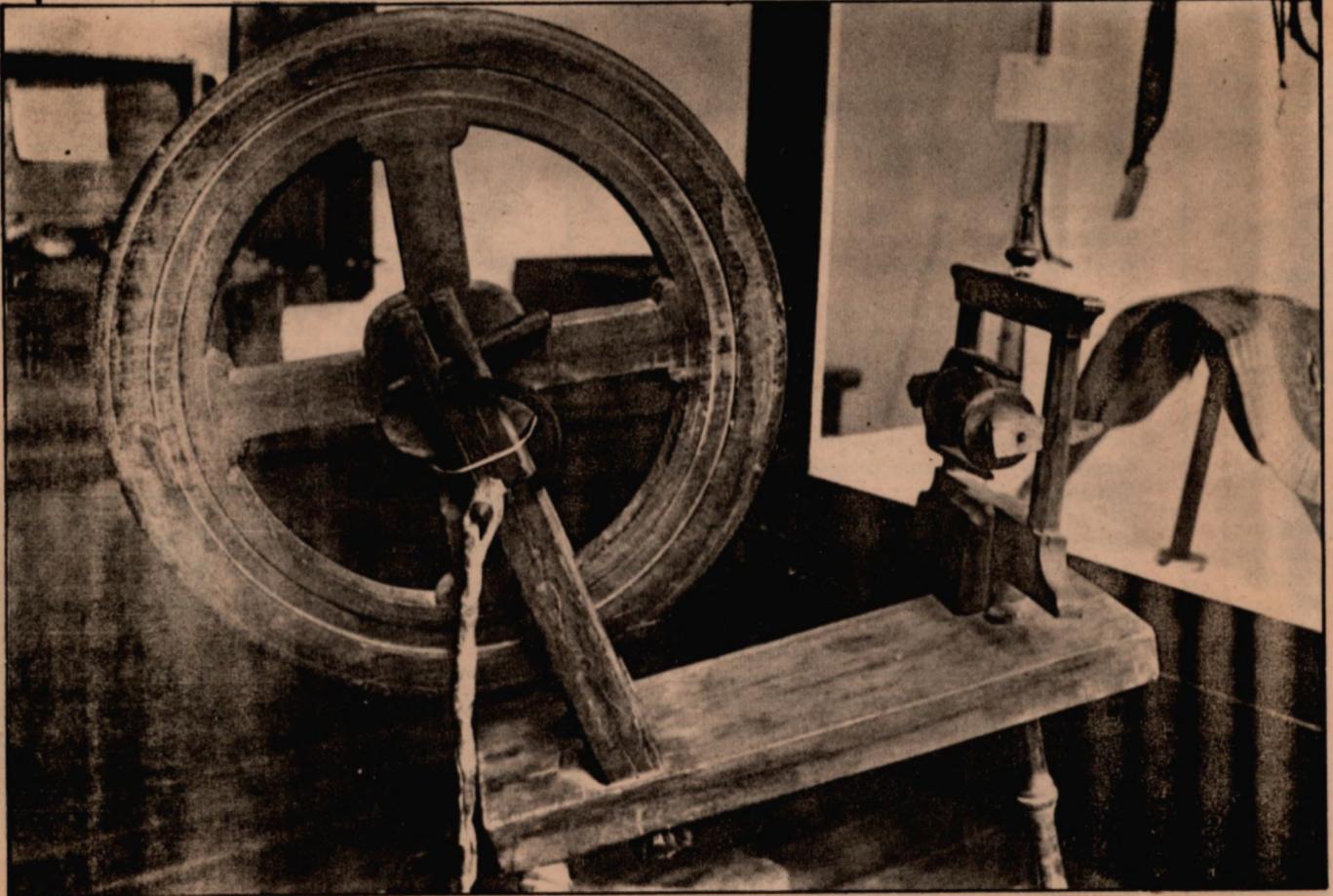
Um passeio pelo Bosque dos Jequitibás é uma volta temporária à vida calma e romântica de outrora;

Alí, adultos e crianças sentem a mesma emoção diante do museu. Um sabor diferente, motivado pela curiosidade, acelera os corações. O museu é, hoje, como um álbum de família onde as mais belas lembranças permanecem para que possamos traçar uma paralela entre o nosso mundo e o de nossos antepassados.

Gladys Azzan Santos

F2

SANTOS, Gladys Azzan. O que se sabe hoje das coisas e vida de ontem.
Diário do Povo, Campinas, [s.d.].



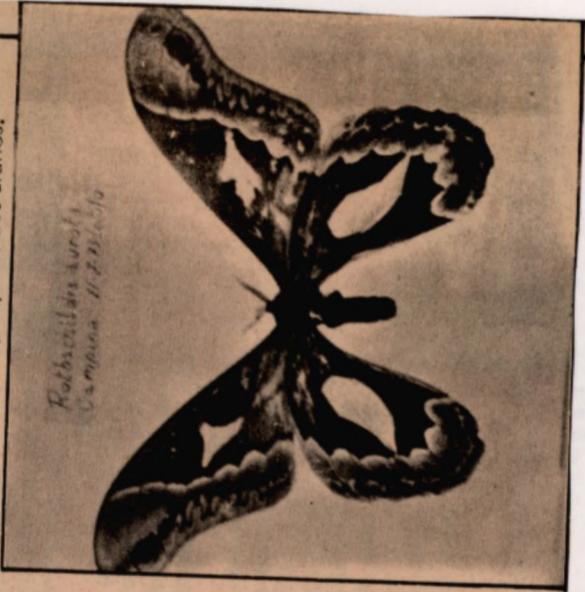
FAZ PARTE DO HOJE, BUSCAR ENTRE
PAREDES ANTIGAS OS RESTOS HISTÓRICOS
DO ONTEM, CADA PEÇA, CADA DETALHE
ENTRE MIL REBUSCOS NOS FAZEM
COMPARAR. DO ONTEM O HOJE.
SE NADA MAIS SE ENCONTRA DE
POESIA, AINDA RESTA NO INTERIOR
DOS ETERNOS MUSEUS A RIQUEZA
DE NOSSOS ANTEPASSADOS.



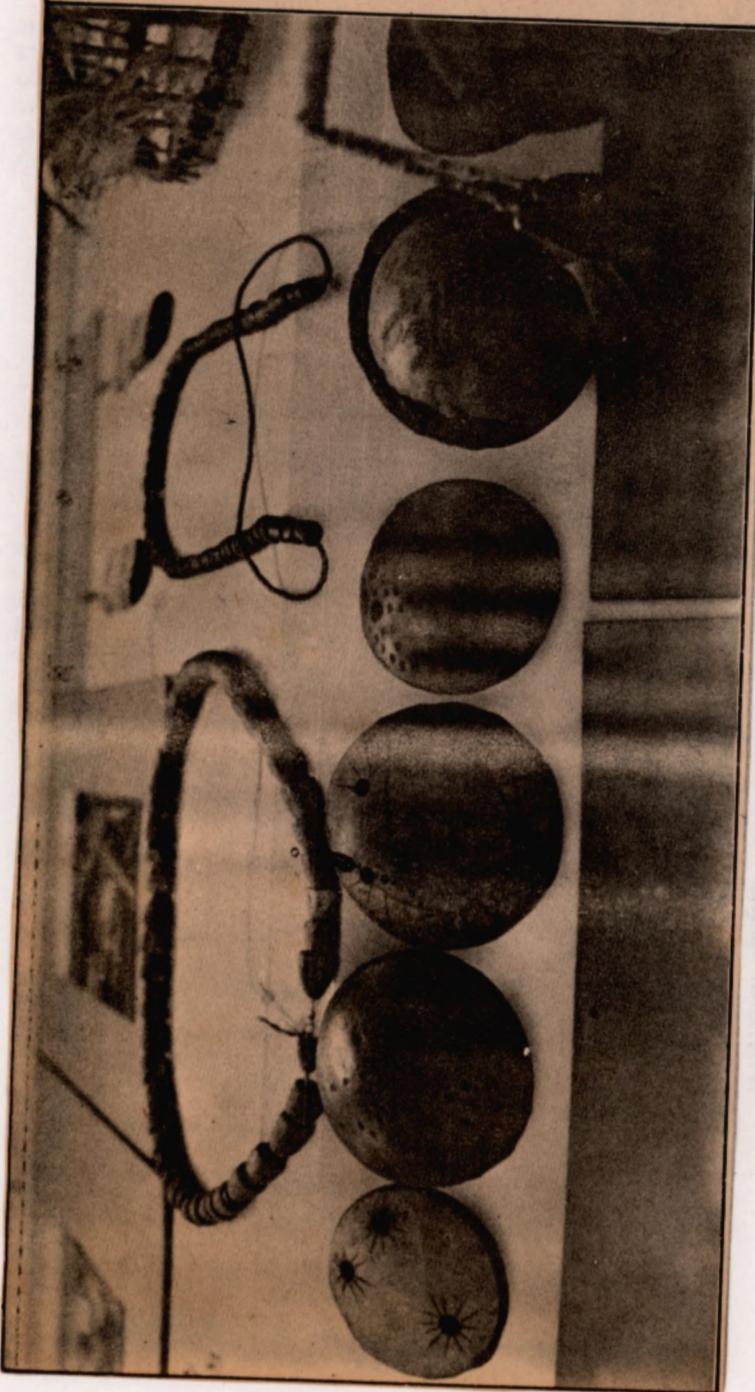


Scaphium longicornis
M. A. S. 1911

O trabalho inovador de plastificação, facilitará em muito as pesquisas dos alunos.



Protoparce australis
Campina, 11. 11. 1911



SANTOS, Gladys Azzan. O que se sabe hoje das coisas e vida de ontem.
Diário do Povo, Campinas, [s.d.].



Secção de insetos, onde a multiplicidade de cor e exatidão nas classificações atraem os muitos visitantes.



Aspécto de um fóssil, extinto há milhares de anos.